

**Prefácio do livro “Aos Trancos e Barrancos” de Domingos José de Almeida Neto  
Editora da Universidade Federal do Acre, 2004**

Em muitos estudos geográficos, os pesquisadores valorizam os sistemas e os objetos, procurando compreender a circulação das mercadorias, ignorando os sujeitos e as forças políticas que determinam os processos de produção do espaço geográfico e que constituem territórios. Quando lemos esses tipos de trabalhos, podemos analisar a frieza da técnica e da linearidade, da falta da vida que movimentam as realidades, de modo que o sentido da obra é muito pouco compreendido, porque sua verdadeira razão não se encontra em seu conteúdo. A sensação que temos, ao ler essas obras, é de um vazio imenso, da falta de alguma coisa, que dê sentido ao escrito.

Com certeza, ao ler este livro, o leitor não terá esta sensação. Domingos José de Almeida Neto é um desses escritores que resgata a vida do sujeito em suas palavras, dando-lhe voz e até mesmo procurando-a nos documentos históricos. E essa voz está situada, que vem de sítio, lugar do sujeito na história. A voz que tem lugar representa um espaço de vida, desde onde fala, desde onde sai até para onde vai.

A saída, a chegada, a ocupação e a permanência são lugares, espaços, vozes, movimentos, trajetórias, resistências, que Domingos estuda com dedicação e compromisso para compreender as espacialidades dos sujeitos, suas razões, seus mundos, seus conflitos. Esses conjuntos de palavras expressam a riqueza do pensamento do autor, de seu método de análise, que num esforço enorme procurou estudar um movimento em suas desigualdades e sofrimentos.

Este livro conta a história da trajetória de um grupo social: os seringueiros, que expropriados de um espaço geográfico reconstróem a sua existência, fazendo a história do Estado do Acre. É o êxodo florestal, de um povo que tem sua identidade construída na luta política pela preservação do território. É o caminho floresta – cidade, dois mundos unidos pela sociedade desigual que projeta o moderno em detrimento das populações tradicionais. Os varadouros têm muito mais sentidos que as estradas das incertezas, como o autor demonstra ao analisar a destruição da vida e do sujeito pela expansão capitalista.

As ideologias constituídas para convencer que o moderno pode destruir as populações tradicionais, como os indígenas, os seringueiros e os camponeses, são tão frágeis e tão poderosas que são aceitas sem muito questionamento pela maior parte da população. Por essa razão, as formas de resistência expressivas presentes na mídia cotidianamente, causam indignação e protesto dos que acreditam na luta popular e daqueles que vêem essas manifestações como resíduos de uma forma de organização social sem futuro.

O Acre consta na história como o estado da luta seringueira. Esta marca foi construída pelas ações dos trabalhadores em defesa da sua existência. Não é propaganda, é resistência. De “brabo” a “favelado”, essa trajetória de exploração e expropriação dos trabalhadores, são examinadas pelo autor para explicar um movimento de construção e destruição de identidades e reorganização constante da (re) existência.

Este é um caráter inovador dessa pesquisa. É comum na geografia que estes trabalhos sejam feitos separados, pois enquanto alguns pesquisadores estudam a expropriação da terra e o êxodo, outros estudam os problemas urbanos criados com ampliação e urbanização da periferia. Mas, Domingos se preocupou em compreender o processo por inteiro.

Com base em uma boa pesquisa documental e com base teórica sólida, o autor criou seu próprio método de análise para entender espaços geográficos distintos e de como os sujeitos se reorganizam, se refazem, conjugando cultura e história, saberes e experiências, constituindo novas formas de resistência.

Estuda esse processo na história da formação do estado acreano, unindo o cotidiano com as relações sociais que constroem o território na amplitude do tempo. Desse modo, Domingos não se prende às explicações já formuladas, mas lê na realidade estudada as ações dos sujeitos que

elaboram uma linguagem própria e explicativa e, desse modo, o autor cunha palavras que elucidam esse processo complexo, numa gramática popular. Isso é genuíno.

Somente, dessa forma, é que se pode compreender a geografia da resistência dos seringueiros na periferia de Rio Branco nas décadas de 1970 e 1980, sem se render às análises lineares e quantitativas, tão presentes nos estudos geográficos, que muito pouco contribuem para entender essas múltiplas territorialidades dos conflitos dos trabalhadores com as empresas capitalistas.

A grande contribuição de “Aos trancos e barrancos” é explicar a trajetória dos seringueiros como um movimento constituído de sofrimentos e de rebeldia. Não é um movimento singular. É plural e cheio de contradições e que ainda não chegou a seu fim. Por essa razão, o último capítulo do livro nos dá a sensação que a história continua. É um fim-sem-fim. Porque Domingos não trabalha com uma história e uma geografia determinadas, mas sim com um conhecimento que nos apresenta o processo em movimento.

É possível que este livro inspire muitos jovens pesquisadores a se interessarem pela continuidade desta história, que precisa ser pesquisada. E aos que se propuserem a estudá-la, tanto no Acre como as trajetórias semelhantes que acontecem no movimento migratório campo – cidade encontraram nesta obra uma referência valiosíssima.

E para os que quiserem apenas conhecer melhor a geografia acreana, este livro oferece uma excelente oportunidade. Boa leitura.

Prof. Bernardo Maçano Fernandes  
Universidade Estadual Paulista.  
Setembro de 2004